O mundo narrado e o mundo do ouvinte-leitor pela ótica dos estudos literários da Bíblia

Petterson Brey[1]

Resumo
Se a leitura popular da Bíblia não for pautada minimamente por um método, corre o risco de sucumbir aos expedientes interpretativos do fundamentalismo religioso. A presente comunicação, portanto, propõe-se a demonstrar que os métodos literários de estudo da Bíblia se constituem como uma abordagem metodológica propícia para a aproximação entre o *mundo narrado* e o *mundo do ouvinte-leitor*. Tal entrepresa pretende apresentar o *mundo narrado* como ambiente da experiência das personagens, e o *discurso narrativo* como lugar da experiência do ouvinte-leitor.

Palavras-chave: Exegese bíblica. Análise narrativa. Leitura popular da Bíblia. Bíblia como literatura.

Introdução

De acordo com Northrop Frye (1994, p. 97), "a Bíblia pode até ser outras coisas mais do que uma obra literária, mas sem dúvida é também uma obra literária". Ainda, segundo ele (2002, p. xi-xxiii), a Bíblia, literariamente falando, é o mito fundador de toda a civilização ocidental, sendo o background ideológico que norteia toda a cognição e ação humana, pois, em perspectiva estrutural, todos os esquemas narrativos conhecidos, tanto na literatura quanto na arte, são variações de enredos bíblicos. Complementarmente, Robert Alter (2011, p. 113-114) assevera que:

> Não é sequer necessário presumir, como tantos estudiosos, que as narrativas bíblicas procedem de tradições orais milenares, pois, de qualquer modo, é muito provável que tenham sido escritas sobretudo com vista à récita. Como várias indicações na própria Bíblia sugerem, as narrativas costumavam ser lidas em voz alta a partir de rolos de papiro para algum tipo de plateia (parcialmente analfabeta), em vez de circular de mão em mão para serem lidas como fazemos hoje. Assim, o próprio ato de desenrolar o papiro

[1] Doutorando e Mestre em Teologia pela PUC-SP; Bolsista CAPES; Membro do Grupo de Pesquisa TIAT (Tradução e Interpretação do Antigo Testamento) CNPq da PUC-SP. pettersonbrey@gmail.com.

> correspondia de certa forma ao desenrolar da bobina de um projetor de cinema.

Eis o ponto de partida teórico que se consigna como referência para a reflexão que será, a partir de agora, desenvolvida. Admite-se, como pressuposição básica, no âmbito desse breve texto, que a relação entre a Bíblia e a sua leitura popular remete-se à própria época da composição de seus textos, bem como podendo ser reconhecida ao longo da história de sua interpretação. Deve-se levar em consideração, no entanto, a coexistência, no percurso do tempo, tanto de uma leitura popular quanto teológica da Bíblia, mais recentemente reputada como acadêmica.

Levanta-se, aqui, a hipótese de que é justamente nessa encruzilhada histórica, quando os estudos acadêmicos das Escrituras florescem, que a leitura popular da Bíblia acaba por ficar à margem dos interesses teológicos eclesiais. Tal panorama, de acordo com essa pressuposição, teria permitido que, na seara popular, se proliferassem os fundamentalismos bíblicos. Um breve olhar para a história da interpretação bíblica tanto é capaz de validar esse diagnóstico, quanto pode trazer luz sobre algumas possibilidades de reconciliação hermenêutica entre a exegese acadêmica e a leitura popular da Bíblia.

1 Filosofia e teologia na história da interpretação bíblica

Uma abordagem à história da teologia com vistas à interpretação bíblica, tendo em perspectiva o percurso de desenvolvimento da filosofia, pode demonstrar que a Bíblia, enquanto livro sagrado, fundamentalmente foi acessada, ao longo dos tempos, no intuito de fornecer textos-prova para premissas teológicas que, por sua vez, pretendiam solucionar questões filosóficas. Conjectura-se, portanto, uma interação tridimensional envolvendo a filosofia, a teologia e a Bíblia. Posto que, de acordo com Eryl W. Davies (2010, p. 732), conquanto a teologia encontre na filosofia o seu fomento axiomático, são aos textos bíblicos que se recorre à procura da fundamentação dogmática.

Os escritores do Novo Testamento se valiam, frequentemente, de métodos rabínicos de interpretação do Antigo Testamento (BRAY, 2017b, p. 50), entretanto, a terminologia novo, em Novo Testamento, faz referência a uma leitura

teologicamente dissímil em relação à interpretação judaica da época (DUNN, 2010, p. 700). Porém, no que se refere ao raciocínio interpretativo, ambos, interpretação judaica tradicional e os autores do Novo Testamento, não refletiam mais a mentalidade da religião do Antigo Israel, conforme narrada nos textos veterotestamentários (BRAY, 2017b, p. 56-58). Destarte, o processo de leitura é divergente entre o judaísmo e o cristianismo neotestamentário apenas no que se refere às proposições teológicas (TREVIJANO, 2009, p. 73.78-79), visto que ambos sobrexcedem o método narrativo de entendimento da realidade, característico da literatura do Antigo Israel, partindo para uma análise abstrata, característica do pensamento grego (DUNN, 2010, p. 705-714).

Decorrente das transformações causadas pela constituição de um mundo helênico (RUSSELL, 2015a, p. 275-285), a partir das conquistas de Alexandre O Grande (356 a.C. – 323 a.C.), é que a história da interpretação bíblica estabelece relações com a filosofia (GREENSPOON, 1990, p. 106-108). É durante o helenismo que surgem as escolas filosóficas (LAW, 2011, p. 28-29) que, por sua pungência, influenciam o modo de pensar judaico, dando origem, também, às escolas rabínicas de interpretação das Escrituras Sagradas (SCHIFFMAN, 1991, p. 60-79), das quais se destacam Hillel e Shamai (KUGEL; GREER, 1986, p. 67-72).

De acordo com Agnaldo C. Portugal (2012, p. 216-219), a racionalidade da filosofia grega metamorfoseou a índole concreta das religiões míticas em sistemas doutrinários abstratos, de forma que a absorção de princípios agora se estabelecia através de doutrinas racionalizadas por processos de argumentação especulativa. Conforme Gregory K. Beale (2014, p. 55), "quando os autores neotestamentários, baseando-se no Antigo Testamento, fazem afirmações diretas, é de se pressupor que sua fala carrega uma gama de significados que amplia os conceitos extraídos de seu lócus original", configurando, assim, novas lentes para a leitura interpretativa das Escrituras.

Em face da necessidade de defender argumentativamente suas crenças das objeções filosóficas oriundas de diversas correntes de pensamento (OLSON, 2014, p. 29), os cristãos precisaram dominar a filosofia grega, quer seja para refutá-la ou para absorvê-la em sua teologia (KELLY, 2015, p. 3-5). A época dos pais da igreja, em função das diversas correntes filosóficas que concorriam nos processos de

disputa teológica, ficou conhecida como período filosófico helênico-patrístico (BOEHNER; GILSON, 2012, p. 25).

Nessa época, Agostinho (354 d.C. – 430 d.C.), por meio de categorias neoplatônicas, estabeleceu o pensamento de que, através de uma abordagem alegórica das Escrituras, era possível ao intelecto humano perceber o ideal cristão, ou seja, as doutrinas de Deus, provenientes do sentido das palavras do texto (YARCHIN, 2011, p. 61-62). A interpretação bíblica desse período, por conseguinte, atuou como coadjuvante no processo de adaptação das premissas teológicas aos paradigmas filosóficos gregos (KELLY, 2015, p. 21-37). A filosofia, que era considerada "a religião mais profunda da maioria das pessoas de inteligência" (KELLY, 2015, p. 11) do mundo greco-romano, tornou-se a mais importante estrutura intelectual para que os teólogos cristãos pudessem expor seus pensamentos (BOEHNER; GILSON, 2012, p. 11).

Além disso, mais adiante, baseado em Aristóteles, Tomás de Aquino organizou toda a teologia cristã através de um modelo de perquirições organizadas da seguinte forma: proposição inicial, seguida de duas ou três objeções retoricamente preparadas, e, por fim, uma resposta positiva referenciada pela interpretação de textos bíblicos (YARCHIN, 2011, p. 95). Dessa forma, a filosofia se tornou o alicerce da teologia (ALLEN; SPRINGSTED, 2010, p. 136). A exegese bíblica, por sua vez, desempenhou um papel de referencial teórico, lida em perspectiva filosófica (BRAY, 2017a, p. 152).

No âmbito da Reforma Protestante, o processo de retorno às fontes originais das Escrituras, grego e hebraico, em desconfiança às traduções latinas da Igreja Católica (YARCHIN, 2011, p. 171) – influenciado pelo Humanismo Renascentista e sua rejeição à leitura medieval da filosofia grega, optando por reler os filósofos da antiguidade e construir o seu próprio alicerce intelectual (RUMMEL, 2009, p. 280) –, erigiu o enunciado luterano do SOLA SCRIPTURA, segundo o qual, todos os homens deveriam ter acesso livre e pessoal às Escrituras (MATHESON, 2010, p. 260-267). Entretanto, mesmo tendo a Bíblia em sua própria língua, a exemplo do período patrístico, o protestantismo teria grandes problemas caso não instituísse uma coesão teológica (BRAY, 2017a, p. 199). Assim, mesmo que Lutero diga estar rechaçando o viés filosófico grego, ao estabelecer doutrinas, ele continua fazendo

teologia em categoria abstrata grega, ou seja, não se tratava de exegese, mas teologia.

Sob forte influência do filósofo Baruch Spinoza (1632 – 1677), e em decorrência da transformação filosófica iluminista que interferiu na teologia e na exegese bíblica (FRAMPTON, 2017, p. 120-124), os métodos *histórico-críticos* ganharam progressivamente mais importância no âmbito acadêmico. Essa exegese de categoria *diacrônica*, que busca deslindar o contexto fundante (*Sitz im Leben*) dos textos bíblicos (WELLHAUSEN, 2004, p. 1-9), dominou os principais centros acadêmicos por cerca de duzentos anos. Entretanto, de acordo com Félix Garcia López (2016, p. 71-75), os estudos *diacrônicos* fragmentaram o texto bíblico, restando pouco conteúdo teológico que dialogasse com as questões do mundo do ouvinte-leitor.

2 Os estudos literários da Bíblia na contemporaneidade

Mesmo que, no decorrer da história da tradição cristã, especialmente após o desenvolvimento dos estudos acadêmicos, a interpretação bíblica tenha tomado distância de um processo mais experiencial de leitura das Escrituras, alterando-se para metodologias primordialmente preocupadas com aspectos conceituais (LEGASPI, 2011, p. 10-26), a pungência da leitura popular da Bíblia nunca se deixou substituir. Entretanto, contrariamente a ideia empregada pelo termo *método*, que, associada à interpretação bíblica, certamente evoca um rigor científico (LEGASPI, 2017, p. 73), na esfera de determinadas instituições religiosas, sobretudo protestantes, havia a limitação de não se conseguir lidar com aspectos críticos mais radicais, por exemplo, a questão de como o próprio texto analisado havia surgido (BRAY, 2017a, p. 358). Essa hostilidade ao cientificismo teológico-filosófico foi o berço da leitura fundamentalista da Bíblia.

Enquanto, em âmbito popular, a leitura da Bíblia parecia estar relegada ao fundamentalismo religioso, na esfera acadêmica, por volta dos anos 1940, Umberto Cassuto (2014, p. 6-17.117-126) sugere que a exegese bíblica deveria se abrir às dimensões literárias, pois, segundo ele, isso poderia atribuir sentidos inéditos a problemas textuais insolúveis ao olhar *diacrônico* dos *métodos histórico-críticos*. Tal apelo, no entanto, não demorou muito a ser atendido. Poucas décadas mais

tarde, estudiosos como Northrop Frye e Robert Alter, citados na introdução do presente texto, participaram da guinada exegética dos estudos *sincrônicos* das Escrituras.

Segundo Shimon Bar-Efrat (2008, p. 197), a *análise narrativa* chama o ouvinte-leitor para dentro do *mundo narrado*. Destarte, quando Jean L. Ska (2009, p. 139) diz que "as narrativas bíblicas dormem até o leitor vir despertá-las de seu sono", propõe-se que, da decupagem do *mundo narrado*, advém uma sabedoria capaz de encontrar sentido no *mundo do leitor.* Portanto, o trabalho da análise *narrativa*, segundo Danna N. Fewell (2016, p. 3-26), consiste em descodificar o *mundo narrado*.

De acordo com Paul Ricoeur (2019, p. 267-309), a mensagem só se torna mensagem no momento em que o ouvinte-leitor responde a invitação de mergulhar no *mundo narrado* e se deixar interagir ativamente com ele. Na qualidade de arte literária, as narrativas bíblicas impressionam seu ouvinte-leitor através da forma de sua composição (MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p. 32). Assim, segundo Adele Berlin (2004, p. 2184-2191), a mensagem de uma narrativa é, ao mesmo tempo, tanto a forma quanto o conteúdo narrado, ou seja, forma e conteúdo são inseparáveis.

Portanto, o arranjo estético, que molda o conteúdo, constitui a estratégia retórica que integra o *discurso narrativo*, designado a impressionar o narratário a respeito do *ponto de vista* da *unidade temática* que conduz a trama (FOKKELMAN, 1999, p. 73-78). Isso coaduna-se com o pensamento de Vilém Flusser (2019, p. 26-31), acerca da questão da fusão entre a abstração filosófica e a fruição estética como manifestação do mais elevado nível teológico que nenhuma religião na história alcançou isoladamente. Segundo ele, a teologia, enquanto completude de uma experiência sensorial com uma sabedoria subjacente, deveria brotar do encontro entre o ouvinte-leitor e a sabedoria que eflui do texto.

Assim, em perspectiva dos estudos literários da Bíblia em âmbito acadêmico, é razoável que se considere o *mundo narrado* como ambiente da experiência das personagens, e o *discurso narrativo* como lugar da experiência do ouvinte-leitor. Isto é, o *discurso narrativo*, constituído pela forma retórica como a trama das personagens é narrada, funciona como mediador entre a experiência de Deus protagonizada no enredo e a experiência de Deus do ouvinte-leitor (BREY, 2022, p.

194). A aproximação entre o *mundo narrado* e o *mundo do ouvinte-leitor*, portanto, mediada pela *análise narrativa*, constitui-se como um relevante método de interpretação para que a leitura popular da Bíblia não fique à mercê do fundamentalismo religioso.

Considerações finais

O presente texto trabalhou com a premissa de que se a leitura popular da Bíblia não for pautada minimamente por um método, ela corre o risco de sucumbir aos expedientes interpretativos do fundamentalismo religioso. Foi proposto que os métodos literários de estudo da Bíblia se constituem como uma abordagem metodológica propícia para a aproximação entre o *mundo narrado* e o *mundo do ouvinte-leitor*. Dessa forma, foi demonstrado que o *mundo narrado*, enquanto ambiente da experiência das personagens, e o *discurso narrativo*, como lugar da experiência do ouvinte-leitor, constituem-se como elementos fundamentais de interpretação afim de que a leitura popular da Bíblia não se afeiçoe às premissas fundamentalistas de significação da mensagem bíblica.

Referências

ALLEN, Diogenes; SPRINGSTED, Eric O. **Filosofia para entender Teologia.** 3. ed. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2010.

ALTER, Robert. **The Art of Biblical Narrative.** New York: Basic Books, 2011.

BAR-EFRAT, Shimon. **Narrative Art in the Bible.** New York: T&T Clark, 2008.

BEALE, Gregory K. **O uso do Antigo Testamento no Novo Testamento e suas implicações hermenêuticas.** São Paulo: Vida Nova, 2014.

BERLIN, Adele. *Reading Biblical Poetry*. In: BERLIN, Adele; BRETTLER, M. Z. (Eds.). **The Jewish Study Bible.** New York: Oxford University Press, 2004, p. 2184-2191.

BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. **História da filosofia cristã.** 13. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

BRAY, Gerald. **História da interpretação bíblica.** São Paulo: Vida Nova, 2017a.

BRAY, Gerald. **História da teologia cristã.** São Paulo: Shedd Publicações, 2017b.

BREY, Petterson. *Experiência de Deus no Pentateuco: existe mística na lei?* In: ANÉAS, André. (Org.). **Diálogos sobre experiência de Deus – volume II:** questões sobre mística. São Paulo: Editora Recriar, 2022, p. 169-203.

CASSUTO, Umberto. **The Documentary Hypothesis and the composition of the Pentateuch.** Jerusalem: Shalem Press, 2014.

DAVIES, Eryl W. *The Bible in Ethics*. In: ROGERSON, John. W; LIEU, Judith M. (Eds.). **The Oxford Handbook of Biblical Studies.** New York: Oxford University Press, 2010, p. 732-753.

DUNN, James D. G. *New Testament Theology*. In: ROGERSON, John. W; LIEU, Judith M. (Eds.). **The Oxford Handbook of Biblical Studies.** New York: Oxford University Press, 2010, p. 698-715.

FEEWELL, Danna N. *The Work of Biblical Narrative*. In: FEWELL, Danna N. (Ed.). **The Oxford Handbook of Biblical Narrative.** New York: Oxford University Press, 2016, p. 3-26.

FLUSSER, Vilém. **Vom Stand der Dinge: Eine kleine Philosophie des Designs.** Gottingen: STEIDL, 2019.

FOKKELMAN, Jan P. **Reading Biblical Narrative:** an introductory guide. Louisville: Westminster John Knox Press, 1999.

FRAMPTON, Travis L. *Spinoza, and His Influence on Biblical Interpretation*. In: HAUSER, Alan J.; WATSON, Duane F. (Eds.). **A History of Biblical Interpretation – vol. 3:** The Enlightenment through the Nineteenth Century. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 2017, p. 120-150.

FRYE, Northrop. **The Educated Imagination.** Bloomington: Indiana University Press, 1994.

FRYE, Northrop. **The Great Code:** The Bible and Literature. New York: Mariner Books, 2002.

GARCIA LÓPEZ, Félix. **Pentateuco:** introducción a la lectura de los cinco primeros libros de la Biblia. Estella (Navarra): Editorial Verbo Divino, 2016.

GREENSPOON, Leonard. *Hebrew into Greek: Interpretation In, By, and Of the Septuagint*. In: HAUSER, Alan J.; WATSON, Duane F. (Eds.). **A History of Biblical Interpretation – vol. 1:** The Ancient Period. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1990, p. 80-113.

KELLY, John N. D. **Patrística:** origem e desenvolvimento das doutrinas centrais da fé cristã. São Paulo: Vida Nova, 2015.

KUGEL, James L.; GREER, Rowan A. **Early Biblical Interpretation.** Philadelphia: The Westminster Press, 1986.

LAW, Stephen. **Filosofia:** história, ideias, teorias, quem é quem, como pensar. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

LEGASPI, Michael C. **The Death of Scripture and the Rise of Biblical Studies.** (Oxford Studies in Historical Theology). New York: Oxford University Press, 2011.

LEGASPI, Michael C. *The Term "Enlightenment" and Biblical Interpretation*. In: HAUSER, Alan J.; WATSON, Duane F. (Eds.). **A History of Biblical Interpretation – vol. 3:** The Enlightenment through the Nineteenth Century. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 2017, p. 73-95.

MARQUERAT, Daniel; BOURQUIN, Yvan. **Pour Lire les Récits Bibliques:** initiation à l'analyse narrative. Paris: Les Éditions Du CERF; Genève: Labor Et Fides, 2009.

MATHESON, Peter. *The Language of the Common Folk*. In: MATHESON, Peter. (Ed.). **Reformation Christianity.** (A People´s History of Christianity – volume 5). Minneapolis: Fortress Press, 2010, p. 259-283.

OLSON, Roger. **História da teologia cristã:** 2000 anos de tradições e reformas. São Paulo: Editora Vida, 2014.

PORTUGAL, Agnaldo C. *Filosofia da religião*. In: GALVÃO, Pedro (Org.). **Filosofia:** uma introdução por disciplinas. Lisboa: Edições 70, 2012, p. 215-248.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa – vol. 3:** o tempo narrado. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019.

RUMMEL, Erika. *The Renaissance Humanists*. In: HAUSER, Alan J.; WATSON, Duane F. (Eds.). **A History of Biblical Interpretation – vol. 2:** The Medieval through the Reformation Periods. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 2009, p. 280-298.

RUSSELL, Bertrand. **História da filosofia ocidental – Livro 1:** a filosofia antiga. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015a.

SCHIFFMAN, Lawrence H. **From Text to Tradition:** A History of Second Temple & Rabbinic Judaism. Hoboken: Ktav Publishing House, Inc., 1991.

SKA, Jean L. *Sincronia: L'Analisi Narrativa*. In: SIMIAN-YAOFRE, Horacio. (Ed.).

Metodologia Dell'Antico Testamento. (Studi Biblici – 25). Bologna: Edizione Dehoniane Bologna, 2009, p. 139-170.

TREVIJANO, Ramón. **A Bíblia no cristianismo antigo:** pré-nicenos, gnósticos, apócrifos. (Introdução ao Estudo da Bíblia – vol. 10). São Paulo: Editora Ave Maria, 2009.

WELLHAUSEN, Julius. **Israelitische und Jüdische Geschichte.** (de Gruyter Studienbuch). Berlin: Walter de Gruyter, 2004.

YARCHIN, William. **History of Biblical Interpretation:** a reader. Grand Rapids: Baker Academic, 2011.